



Palestra

A UNIVERSIDADE E O COMPROMISSO COM A PESQUISA

Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo – UFSJ*

Resumo: Neste ensaio refletimos sobre a universidade e seu compromisso com a ciência e com a pesquisa que tenha como defesa a produção do bem comum e a redução das desigualdades sociais. Recorremos às ideias de pensadores brasileiros sobre a universidade como Darcy Ribeiro e Álvaro Vieira Pinto, pesquisadores identificados com uma perspectiva da descolonização epistêmica tais como Boaventura Sousa-Santos, Aníbal Quijano, Walter Mignolo, Henrique Dussel, Edgardo Lander, dentre outros. Não se tratam de reflexões conclusivas, dada a complexidade do tema. Têm como objetivo apenas provocar o debate junto à comunidade acadêmica dos pressupostos que subjazem determinadas práticas de pesquisa com vistas ao debate sobre o papel da universidade e da pesquisa como resposta aos problemas do nosso tempo.

Palavras-chave: Universidade. Pesquisa. Conhecimento. Descolonização epistêmica.

Introdução

É função da universidade dominar a ciência de seu tempo no mais alto nível possível de conhecimento e de investigação, porque a ciência é o discurso do homem sobre sua experiência na terra (Darcy Ribeiro).

Nestes tempos tão difíceis e sombrios para a humanidade, em que a vida está ameaçada pelo Covid19, a Ciência mostra-se a única saída confiável para a grave crise internacional que o mundo enfrenta. Governos de todos os países, exceto o Brasil e a Bielorrússia, seguem os passos do conhecimento científico para planejar o enfrentamento da pandemia seja na área da saúde, da economia, da política, da educação, dentre outras. A Ciência, portanto, é reconhecida como um patrimônio da humanidade que deve ser cada vez mais impulsionada com investimentos em pesquisas que possibilitem a preservação da vida com vistas ao bem comum.

A Ciência no Brasil está sob ataque não é de hoje. Já em 2014 75% dos recursos destinados às universidades públicas e centros de pesquisa foram cortados. O Governo Bolsonaro aprofundou o ataque ao negar a Ciência como um conhecimento fundamental para a construção de políticas públicas e o desenvolvimento social e econômico. Temos na CAPES um dirigente criacionista assim como em outros postos do Governo evidenciando a perspectiva ideológica negacionista que governa o país. A verba que já era ínfima, foi

*Pós-Doutora pela Goldsmiths e pela UFSCAR-Sor. Doutora em Educação pela UFMG. Líder do GPEALE (Grupo de Pesquisa em Alfabetização, Linguagem e Decolonialidade). E-mail: socorrnunes@ufsj.edu.br



achatada causando um alto grau de comprometimento da produção científica em todas as áreas.

É fato que a maior parte das pesquisas realizadas no Brasil (aproximadamente 95%) é feita por universidades públicas, nos seus programas de pós-graduação¹, a despeito do desinvestimento que se observa ao longo dos últimos anos. A precarização da pesquisa e da pós-graduação gerou a situação em que o Brasil se encontra para enfrentar a pandemia: a dependência de centros de pesquisa e de tecnologia do exterior, tendo de importar insumos e equipamentos para o combate ao vírus (a maior parte produzida na China), defrontando-se com a escassez dos mesmos devido à disputa entre os países para salvar vidas. Na corrida para a produção da vacina, embora nossos cientistas estejam produzindo pesquisas em articulação com laboratórios da Europa e dos Estados Unidos e tenhamos conseguido sequenciar o vírus que aqui circula em tempo recorde², estamos em defasagem, decorrente da histórica perda de profissionais para o exterior, da ausência de laboratórios equipados com tecnologia de ponta e da manutenção dos mesmos, do desinvestimento em pesquisa em todas as áreas.

No entanto, a ideologia neoliberal do Estado mínimo, aprofundada por um Governo de ultra-direita, está ruindo diante da premente necessidade de intervenção do Estado para conter a crise. Por força das circunstâncias e pela pressão do Congresso Nacional, o Governo foi obrigado a abrir os cofres públicos e aprovar um pacote de 10 bilhões de reais para a área da saúde no combate à pandemia, além de outros pacotes que estão em andamento.³ Tal investimento precisa ser permanente, em todas as áreas e não pontual, sob pena de o país continuar na dependência de conhecimentos e tecnologias produzidas no exterior.

É contra essa força neoliberal e conservadora que os trabalhadores da Ciência devem lutar para impedir que o criacionismo se entranhe e defina os rumos do país. A Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), junto a suas Secretarias Regionais e Sociedades Científicas Afiliadas e entidades de todo o País ligadas à CT&I promoveram a Marcha Virtual pela Ciência no Brasil no dia 07 de maio. Com atividades transmitidas pelas redes sociais ao longo do dia, o objetivo da manifestação foi chamar a atenção para a

¹<https://www.unifesp.br/noticias-antiores/item/3799-universidades-publicas-realizam-mais-de-95-da-ciencia-no-brasil>

²O Coronavírus foi sequenciado pela equipe de pesquisadores do Instituto Adolfo Lutz (IAL), da Universidade de Oxford e do Instituto de Medicina Tropical da Universidade de São Paulo (IMT-USP), sob a coordenação da pesquisadora Jaqueline Goes de Jesus, pós-doutoranda na Faculdade de Medicina da USP e bolsista da FAPESP. <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2020/03/brasileiras-que-lideraram-o-sequenciamento-do-novo-coronavirus.html>

³<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/05/20/governo-federal-libera-r-10-bilhoes-para-combate-ao-coronavirus>

importância da ciência no enfrentamento da pandemia de covid-19 e de suas implicações sociais, econômicas e para a saúde das pessoas.

Qual Ciência? Qual pesquisa? Qual universidade?

O compromisso da universidade com a pesquisa precisa ser problematizado quanto à concepção de ciência, de pesquisa e de universidade. O conhecimento produzido pela pesquisa científica vem cada vez mais rompendo com a lógica cartesiana linear baseada em pré-requisitos e permeada pela rigidez disciplinar, dando lugar à imagem do conhecimento em rede (knowledge as a network) com o objetivo de tecer e compartilhar significados os quais são construídos através de relações estabelecidas entre sujeitos, objetos, noções e conceitos por meio de conexões imprevisíveis (MACHADO, 2001). Tais significados são permanentemente atualizados, não são fixos ou estáticos, relações são permanentemente incorporadas, outras abandonadas. Assim, a construção do conhecimento nunca é definitiva e não se encontra em definições fechadas uma vez que é permeado pelo contexto histórico e se caracteriza pela heterogeneidade. Convém ressaltar, conforme Coracini, ao ouvir pesquisadores das ciências biológicas, que

[...] o cientista não consegue deixar de lado sua parte humana quando vai escrever um trabalho científico: certamente, na hora de expressar as ideias, suas interpretações a respeito daqueles fenômenos, aquilo que foi o seu desenvolvimento vai aparecer; e, embora muitas vezes ele próprio não admita e nem perceba, vai aparecer como uma posição ideológica (1991, p.79).

Machado (2001) argumenta sobre a necessidade de se reconhecer e considerar também a dimensão tácita do conhecimento científico, pois os pesquisadores sempre conhecem muito mais do que conseguem explicitar em palavras. Sua avaliação baseia-se unicamente no que é explícito, a dimensão tácita que dá sustentação à produção é ignorada. Para Esteves

A aspiração do conhecimento científico à validade universal encontra maiores dificuldades no campo das ciências sociais e humanas do que no campo das ciências naturais ou das ciências exatas. De facto, os fenômenos de que as primeiras se ocupam são, em boa medida, idiossincráticos de um dado país e de suas tradições, de uma dada região e do seu nível de desenvolvimento, de uma dada comunidade local dos valores que a mesma projeta (2018, p.17).

No entanto, a despeito da pretensão de universalidade das ciências duras e da idiossincrasia das ciências sociais e humanas, o paradigma emergente de ciência, de acordo com Sousa-Santos (2008), evidencia que todo conhecimento científico-natural é científico-social. A imagem da pesquisa e do conhecimento em rede vem se proliferando como uma forma de produzir conhecimento tanto nas ciências duras quanto nas ciências sociais e humanas. Afirma Esteves que:



[...] a expectativa é a de que a associação e o trabalho em conjunto de pesquisadores (...) atuando em contextos variados, permita alcançar um conhecimento científico mais abrangente e mais profundo em torno de um problema que coletivamente decidem investigar” (2017, p.15).

Esse formato implica, necessariamente, na abertura para se apropriar de novos métodos e epistemologias, abrir mão de uma defesa dogmática de teorias e métodos em nome de um processo mais colaborativo. Implica em se deixar interpelar pelos seus parceiros, reconhecer as diferenças entre os contextos na delimitação dos percursos investigativos (ESTEVES, 2018). Conforme definição de Farias et all

Pesquisa em rede é definida por nós como aquela desenvolvida em torno de um único objeto de investigação, mas que conta com o trabalho e a colaboração de um coletivo formado por pesquisadores de diferentes contextos institucionais (...). Seu objetivo, além de produzir conhecimento científico e inovação, é dedicar-se à formação dos pesquisadores nela envolvidos (2018, p.33).

Nesta perspectiva a universidade ocupa o centro do debate, fazendo valer sua vocação para a pesquisa, para a produção do conhecimento científico com vistas ao combate à desigualdade social. Trata-se de um compromisso coletivo e engajado, um compromisso ético-político no sentido apontado por Paulo Freire (1975). Uma universidade como um centro estratégico de inteligência para o desenvolvimento comprometida com a realidade brasileira, conforme defende Álvaro Vieira Pinto (1961). Questionando o pressuposto da universalidade como atribuição da universidade, Pinto afirma que

[...] para ser idêntica à universalidade, [a universidade] precisa exprimir em juízos universais os interesses particulares desta sociedade, nação ou classe. A identificação da universidade à universalidade constitui um sofisma, um dos melhores exemplos da quase insanável alienação cultural das nossas elites (p.66).

Nesta mesma perspectiva Darcy Ribeiro argumenta em prol da universidade como organicamente estruturada, supridora de nossas carências, orientada não para um “desenvolvimento reflexo como o que resultaria de projetos alheios, mas no sentido de um desenvolvimento baseado na formulação de projetos específicos, correspondentes às nossas aspirações de auto-superação e de progresso autônomo” (1978, p.39). Uma universidade para o século XXI, com profunda orientação de futuro e comprometida com as aspirações democráticas e de justiça social, plenamente envolvida na tarefa de contribuir para uma globalização solidária do conhecimento, como propõe Sousa-Santos (2011).

Para isso, a universidade precisa continuar sendo pública, gratuita e de qualidade, acessível ao maior número possível de brasileiros, especialmente aqueles das camadas desfavorecidas socialmente. Igualmente importante é a compreensão a autonomia do campo científico (BOURDIEU,1983) precisa ser preservada e o processo de criação do

conhecimento deve se submeter não à lógica do mercado, mas às regras criadas pela comunidade científica e não pelo indivíduo, como propunha Descartes. Em estudo exaustivo sobre as ciências médicas e biomédicas, Lander problematiza esse fazer científico a partir das seguintes questões:

¿Qué se investiga y en función de qué intereses? ¿Quién define la agenda de investigación académica? ¿Qué preguntas se formulan? ¿Para qué y para quién se formulan esas preguntas? ¿Qué implicaciones tiene en el establecimiento de las prioridades de la agenda de investigación el que juegue un papel determinante el cálculo de los beneficios económicos previsibles? ¿Qué temas quedan sin ser indagados por ser limitado su rendimiento económico esperado, aunque puedan ser considerados como prioritarios desde el punto de vista social? ¿Qué temas de investigación quedan expresamente excluidos como consecuencia de que sus resultados podrían ser perjudiciales para los intereses económicos de las empresas de las cuales se depende para el financiamiento? ¿Qué confianza se puede tener en los resultados de una investigación que está diseñada y orientada con fines de lucro? ¿Cómo queda el *principio de precaución* cuando entra en conflicto con los intereses comerciales del investigador y de la empresa patrocinante? (2008, p.259).

Suas análises indicam que

La ciencia y la actividad de investigación universitaria no han escapado a los avances de la lógica mercantil que invade progresivamente más y más ámbitos de la vida colectiva (...). Las ciencias biológicas y biomédicas, las llamadas *ciencias de la vida*, son hoy el ámbito privilegiado para el estudio de las nuevas formas que está asumiendo el proceso de producción del conocimiento científico, son éstas las prácticas en las cuales se están prefigurando con mayor nitidez las características del nuevo paradigma de la producción científica crecientemente mercantilizada (2008, p.251).

Com base nesse tipo de constatação, faz-se premente a defesa da ciência à serviço de todos e não a serviço dos donos do capital, como vimos presenciando neste contexto de pandemia. O presidente dos Estados Unidos já anunciou que a vacina da Covid-19 a ser produzida até o final de 2020 por um dos laboratórios americanos deverá servir, primeiro, aos Estados Unidos, o resto do mundo que espere. O Presidente Trump rejeitou a decisão da OMS (Organização Mundial da Saúde) da quebra de patentes de vacinas e medicamentos destinados à Covid-19, fazendo valer sua lógica imperialista⁴.

Para a construção de uma globalização solidária do conhecimento, o financiamento para a ciência não pode ser tratado como gasto, mas como investimento no futuro da nação. Isso significa, no caso brasileiro, a destinação de recursos desde a graduação em projetos e bolsas de pesquisa de Iniciação Científica, base para a formação de quadros competentes

⁴<https://oglobo.globo.com/mundo/eua-rejeitam-decisao-da-oms-que-abre-caminho-para-quebra-de-patentes-de-vacinas-remedios-contra-covid-19-24434268>

para a pós-graduação, exatamente o contrário do que fez o CNPq ao abolir esse tipo de investimento para as áreas das Ciências Humanas⁵.

Historicamente a área das Ciências Humanas é a que mais sofre com a escassez de investimentos, mesmo sendo uma das áreas com o maior número de cursos de pós-graduação⁶. A situação agravou-se no atual Governo com os cortes nos editais das agências de fomento e o não reconhecimento da legitimidade da produção científica produzida pela área. Exemplo disso é a nova Política Nacional de Alfabetização que ignora a produção dos últimos 40 anos dos mais de 95 grupos de pesquisa da área registrados no CNPq (SCHWARTZ, FRADE & MACEDO, 2019; MACEDO, 2019; MORTATTI, 2019) buscando uma fundamentação na ciência experimental nomeada como “Ciência Cognitiva da Leitura”, produzida na Inglaterra e nos Estados Unidos com o argumento de que agora o Brasil terá uma política baseada em “evidências científicas”⁷.

Machado (2001) defende que a cooperação Sul-Sul entre pesquisadores de uma mesma região é especialmente importante, por várias razões: mais barato e em muitos casos, mais produtiva, inclusive pela questão da proximidade linguística. Esta posição de subalternidade ao conhecimento produzido nos centros de pesquisa do Norte é criticada por pesquisadores alinhados com a perspectiva da descolonização epistêmica (SOUSA-SANTOS, 2011; MIGNOLO, 2014). O campo das ciências humanas e sociais na América Latina vem apresentando tendências de análise dos processos históricos, políticos, econômicos e educacionais na perspectiva decolonial, dentre eles Aníbal Quijano (1992; 2005), Walter Mignolo (2014) Henrique Dussel (2005), a partir do lugar dos povos oprimidos, dos subalternos, dos colonizados, dos que vivem à margem. Consideramos que a negação da ciência produzida no país e reconhecida nacional e internacionalmente, é um mecanismo potente de reprodução da colonialidade do poder (QUIJANO, 2005) denunciada e analisada pelos estudos decoloniais, nos colocando em posição de subserviência a conhecimentos produzidos em contextos completamente diferentes, transpostos para uma realidade de extrema desigualdade social e precariedade, como a que observamos no Brasil (MACEDO, no prelo).

⁵<https://www.adunb.org/post/cnpq-decreta-fim-das-bolsas-de-inicia%C3%A7%C3%A3o-cient%C3%ADfica-para-ci%C3%A4ncias-humanas>

⁶ Só a área de educação é responsável por 246 cursos, sendo 128 de Mestrado Acadêmico, 74 de Doutorado e 44 de Mestrado Profissional. Tais cursos se organizam em 172 Programas, 112 nas regiões Sudeste e Sul. Ver em www.capes.gov.br.

⁷ Ver em http://portal.mec.gov.br/images/banners/caderno_pna_final.pdf

Considerações finais

Neste breve ensaio tivemos por objetivo discutir o compromisso da universidade com a pesquisa e a ciência a partir de pressupostos que defendem o empreendimento científico como uma ferramenta de luta na redução das desigualdades sociais. Assim, a universidade reveste-se de um caráter social e cultural, atenta às demandas do seu contexto com vistas a contribuir para o desenvolvimento humano e a preservação da vida. No contexto da pandemia provocada pelo Covid-19 vimos práticas que vão na contramão desse pressuposto, a exemplo do comportamento do Governo Americano e do descaso do governo brasileiro com a universidade, a pesquisa e a ciência que aqui se produz, combatendo-a cotidianamente com sua postura negacionista. É contra esse tipo de constatação que a comunidade científica deve lutar, a exemplo da mobilização da SBPC com a Marcha pela Ciência. Que as marchas e movimentos em defesa da universidade e da pesquisa pública, gratuita e de qualidade, socialmente referenciada, sejam permanentes.

Referências

- BOURDIEU, P. O campo científico. In: ORTIZ, R. (Org). *Pierre Bourdieu: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983. p.122-155. (Grandes Cientistas Sociais, n.39).
- CORACINI, M.J. *Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência*. Campinas: Pontes, 1992.
- DUSSEL, H. Europa, modernidade e Eurocentrismo. In: *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Perspectivas latino-americanas Buenos Aires: CLACSO, 2005, p.117-142. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acesso em: 10 maio 2020.
- ESTEVES, M.M.F. In: FARIAS, I. M. S. et al. *Pesquisa em rede: diálogos de formação em contextos coletivos de conhecimento*. Fortaleza: Educe, 2018.
- FARIAS, I.M.S. et al. *Pesquisa em rede: diálogos de formação em contextos coletivos de conhecimento*. Fortaleza: Educe, 2018.
- LANDER, E. A ciência neoliberal. *Tabula Rasa*. Bogotá - Colombia, No.9: 247-283, julho-diciembre, 2008.
- MACEDO, M.S.A.N. *A política de alfabetização do Governo Bolsonaro: colonialidade e reducionismos*. (2020, no prelo).
- MACEDO, M.S.A.N. Por uma alfabetização transformadora. *Revista Brasileira de Alfabetização*, Belo Horizonte, n.10, 2019.
- MACHADO, N.J. *The university of the 21st century*. São Paulo: Edusp, 2001.

MIGNOLO, W.; CARBALLO, F. *Una concepción descolonial del mundo: Conversaciones entre Francisco Carballo y Walter Mignolo*. Buenos Aires: Educaciones del Signo, 158f, 2014.

MORTATTI, M.R. A política nacional de alfabetização (Brasil, 2019): uma “guinada” (ideo) metodológica para trás e pela direita. *Revista Brasileira de Alfabetização*, Belo Horizonte, n.10, 2019.

PINTO, Á.V. *A questão da universidade*. São Paulo: editora universitária, 1961.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas* Buenos Aires: CLACSO, 2005, p.117-142. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acesso em: 10 maio 2020.

QUIJANO, A. Colonialidad y modernidad/racionalidad. *PcniIndig*. 13(29): p. 11-20, 1992.

RIBEIRO, D. *A universidade necessária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 3.ed, 1978.

SOUSA SANTOS, B. *A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade*. São Paulo: Cortez, 3 ed. 2011. (Coleção questões da nossa época, v. 11).

SOUSA SANTOS, B. *Um discurso sobre as ciências*. São Paulo: Cortez, 5 ed, 2008.

SCHWARTZ, C.M.; FRADE, I.C.S.; MACEDO, M.S.A.N. *Roteiro*, Joaçaba, v. 44, n. 3, p. 1-26, set./dez. 2019.



2021 Coloque em sua Agenda
Vou pra Sorocaba - SP

FOI MARAVILHOSO CONTAR COM VOCÊS EM NOSSO EVENTO – AINDA QUE DE FORMA REMOTA. ESPERAMOS VOCÊS NO II COLÓQUIOS DE 25 A 28 DE MAIO DE 2021.

II COLÓQUIOS DE POLÍTICAS E GESTÃO DA EDUCAÇÃO

Equidade social na educação brasileira

25 a 28 de maio de 2021

ANAIIS DO II COLÓQUIOS DE
POLÍTICAS E GESTÃO DA EDUCAÇÃO

ISSN: 2674-8630

UFSCAR

GEPLAGE

EQUIDADE SOCIAL NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

EDUCAÇÃO UFSCAR

PROPP

CCHB DCHE

CNPq

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

<https://doity.com.br/ii-colquios-de-politicas-e-gesto-da-educao>

Informações:

geplageufscar@gmail.com

What



<https://doity.com.br/ii-colquios-de-politicas-e-gesto-da-educao>